

**RODA DE CONVERSA**

**SOBRE ABORDAGENS**

*narrativas e (auto)biográficas*

28 DE FEVEREIRO DE 2024  
9H30 ÀS 12H

**COM AS PROFESSORAS**

**Juliana Batista Faria** (UFMG)

**Lucianna Magri de Melo Munhoz** (MEC)

**Míria Izabel Campos** (UFGD)

**Rosaura Soligo** (GEPEC)

Mediação dos professores  
Inês Ferreira de Souza Bragança (FE/UNICAMP)  
Guilherme do Val Toledo Prado (FE/UNICAMP)

**EVENTO HÍBRIDO**  
presencial: salão nobre FE/UNICAMP  
online: plataforma Google Meet

INSCRIÇÕES PELO SITE DO SYMPLEA OU NO QR CODE  
DE 29/01 A 28/02 (ATÉ ÀS 9H30)

GEPEC  
vozes da educação  
@GRUPOPOLIFONIA

## Uma narrativa sobre abordagens narrativas e auto/biográficas

Rosaura Soligo

Para tratar das abordagens narrativas e auto/biográficas, me ocorreu que seria oportuno escrever uma narrativa auto/biográfica.

Contarei então, em breves palavras, como as narrativas me constituíram desde sempre e como aprendi a privilegiá-las no trabalho profissional, na pesquisa e também na vida.

Talvez dessa intenção acabe por surgir um memorial curtinho e despretensioso, quem sabe...

Pois bem. Passei meus primeiros anos lá onde o que contam, na realidade, são as histórias, talvez até mais do que a vida; lá onde as narrativas se confundem com a própria vida e, um pouco, a faz acontecer. As personagens das histórias da minha vida pensam por histórias, se expressam por histórias, se alimentam de histórias. São seres narrativos. Eu também.

Então, quando soube que o Bruner (o Jerome) explicava lindamente a razão disso, um novo horizonte de compreensão se abriu para mim. O que ele diz?

Ele dizia que há dois modos distintos (ainda que complementares) de pensamento: o modo narrativo e o modo lógico-científico – ou paradigmático. São formas diferentes de funcionamento mental que remetem a formas diferentes de organizar a experiência, de construir a realidade e, a meu ver, de ajeitar as ideias, produzir o discurso e também os registros – sejam orais ou escritos.

Pronto! Foi assim que pude entender melhor a minha gente.

Depois quando soube que Paul Ricoeur dizia que a narrativa é construída com o olhar voltado para a condição humana, que as histórias atingem desenlaces cômicos, tristes ou absurdos – enquanto que os argumentos teóricos são simplesmente conclusivos ou inconclusivos – entendi

então porque, até para argumentar, a gente lá de onde eu vim conta histórias e abusa dos floreados.

Daí ao ler que o Borges (o Jorge Luis) pensava que quando algo é simplesmente insinuado, há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação, que a coisa sugerida é mais potente que a coisa defendida, que os argumentos nem sempre convencem porque (parafraseando Emerson) são apresentados como argumentos – e assim podemos contemplá-los, podemos refletir sobre eles, ponderá-los e acabar por fim decidindo contra eles – mais ainda me convenci de que a minha gente sabe mesmo das coisas. Borges dizia que a metáfora tem a vantagem de poder ser sentida como metáfora. E assim entendi o lugar constitutivo do floreado nas histórias.

Acabei por me convencer do que eu já achava desde há muito: as histórias com suas figuras de linguagem podem convencer muito mais do que os argumentos lógico-científicos, as explicações objetivas, as proposições generalizadas, a verdade absoluta.

Por essas e por outras, eu que já abusava das narrativas no trabalho de professora e de formadora acabei fazendo o mesmo como pesquisadora. Tinha agora fundamentação para essa escolha, vinda de autores que não só me fizeram entender de onde vinha o meu gosto estético pelas narrativas, mas me autorizaram a ousar, a experimentar o desafio de, talvez, inventar alguns inéditos. Registrei de forma narrativa as duas pesquisas, tanto de mestrado como de doutorado, em cartas – no mestrado, endereçada a educadores e gestores, no doutorado, ao próprio leitor da tese.

Meu propósito não era apenas exercitar o direito de documentar as pesquisas como me parecesse mais pertinente, mas também criar um fato que pudesse contribuir, de algum modo, com pesquisadores de desejos narrativos impedidos pelo predomínio, nas universidades, de uma forma única de registro: o texto acadêmico convencional, lógico-científico, expositivo, canônico.

Na dissertação de mestrado, logo no início, apresento as razões da escolha pela carta, algumas linguísticas, outras filosóficas e outras políticas. E transcrevo aqui as que considere políticas:

Sabemos o quanto escrever tem sido um desafio para os educadores do nosso país. Especialmente quando se trata de textos mais formais, mais ainda quando são textos teóricos.

Pois bem, tenho uma hipótese antiga, compartilhada com outros pesquisadores e profissionais da educação, que o convite à escrita de cartas tem o poder de tornar o desafio possível para aqueles que têm dificuldade em colocar por escrito os seus dizeres. Porque o gênero, nesse caso, é muito familiar; a existência de um interlocutor explícito e real, com quem se vai 'dialogar' em um gênero conhecido, favorece a escrita; a perspectiva de tratar de assuntos que fazem sentido para ambos – autor da carta e destinatário – contribui para que as condições de produção não sejam tão adversas. E se há a possibilidade de ver o próprio texto publicado de alguma forma, então as possibilidades se ampliam e se potencializam.

Logo, se nos engajamos na luta pelo direito de os educadores tornarem públicos os seus textos, se temos esse compromisso político e também a disponibilidade de ser solidários, talvez seja o caso de provocá-los então. Para que se animem a escrever mais, muito e sobre o que bem entenderem.

Muitos educadores festejaram a iniciativa. Então valeu duplamente o empenho por encarar o desafio.

Quando me refiro a desafio, nesse caso, é por não ser nada fácil, e nada simples, registrar em uma narrativa a dissertação ou a tese, que são gêneros organizados historicamente a partir do modo de pensamento lógico-científico. Há uma tensão constante gênero-texto, forma-

conteúdo, convenção-transgressão. Sim, porque a escolha, nesse caso, é por dizer o que deve ser dito de um modo que não se harmoniza naturalmente (pelo fato de ser uma dissertação ou uma tese) com a composição convencional desses gêneros – que pressupõem introdução, objetivos, justificativa, problema, metodologia, análise de dados e conclusão. É mais ou menos como produzir um documentário sobre um assunto árido em linguagem musical. Pode dar certo? Sim. Mas não sem um esforço de coerência e uma vigilância constante para verificar a todo tempo a adequação das escolhas. Há características a princípio pouco compatíveis entre forma-conteúdo e, como sabemos, tem também a questão de que forma É conteúdo: dizer um conteúdo de uma forma diferente da convencional produz alterações que o fazem outro, na realidade.

O fato é que deu certo. Eu tinha uma obstinação intencional pela coerência estética forma-conteúdo-registro e acho que consegui um resultado digno, um inédito viável, por assim dizer. Não só pela escolha da narrativa como forma de registro, que outros tantos pesquisadores já fizeram isso, mas também – e talvez principalmente – pela iniciativa de desenvolver e documentar (em colaboração com Guilherme Prado, meu orientador, e com Vanessa Simas, companheira pesquisadora do GEPEC<sup>1</sup>) uma abordagem diferente de pesquisa narrativa, a que chamamos de pesquisa narrativa em três dimensões, porque as narrativas estão em três lugares o tempo todo: nas fontes de dados, no modo de produzir conhecimento e no registro. A diferença principal dessa metodologia de pesquisa é que o registro é feito desde o início (e não só do meio para o final do trabalho) e é, também ele, fonte de dados.

Nesse tempo de reflexão como pesquisadora, pude aprender que narrativa é uma palavra que nomeia muitos processos. Nem vale a pena disputar os sentidos, porque eles são muitos mesmo. Sim. Narrativa é uma forma de pensamento, de discurso, de pesquisa, de dados, de metodologia, de produção de conhecimento, de registro, de metáfora. Quando é registro, nela cabe a experiência vivida, a reflexão pessoal, a pesquisa, a criação literária, o que desejamos. É um exercício potencialmente democrático e, no campo da pesquisa, criativo e transgressivo.

Minha predileção é por essa dimensão transgressiva, especialmente na Academia, porque considero um modo de combater a hegemonia do texto acadêmico convencional, que é aprisionante, injusta, perversa.

Por fim, quero dizer algo ainda, e é sobre o ‘auto’, esse prefixo ambíguo das auto/biografias e de outros tantos processos. Aprendi uma lição para sempre com o Contardo Calligaris, psicanalista que se foi e faz muita falta neste mundo. Dizia ele que ‘auto’ é uma palavra enganosa que, por vezes, sugere uma dimensão exclusivamente de si, quando, na realidade essa é uma impossibilidade: é sempre o outro que constitui nossos processos auto. Minha experiência auto/biográfica aqui narrada é marcada por muitos: pela gente de lá de onde eu vim, por Bruner, por Ricouer, por Borges, por Emerson, por Paulo Freire (que nem citado foi), por Calligaris, por Guilherme, por Vanessa e por outros tantos, inúmeros, fundamentais.

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, da Faculdade de Educação da Unicamp.

<sup>2</sup> Para quem quiser conhecer os registros das pesquisas citadas, elas estão aqui: [Rosaura Soligo – Dissertação de Mestrado](#) e [Rosaura Soligo – Tese de Doutorado](#). O que trago da dissertação de mestrado está na página 17 e o que trago da tese está na página 74.